

Conto

## Ao pé do ouvido<sup>1</sup>

Maíra Saruê Machado<sup>2</sup>

*Enquanto houver noites brancas, eu vou continuar caminhando de volta, respirando sempre essa brisa fresca que é a noite da cidade.*

Quando casada, dizia com orgulho, vivera dias de vinho, sexo e revolução: “e que outra mulher lê Marx pra mim enquanto eu ferver a água pro café?” – ele disse e ela espalhava pelos ventos, orgulhosa. Alugaram um apartamento bem iluminado, gostava da parede amarelinha, rede para deitar quando à noite.

Parecia tudo correr bem, planos de que iriam, sim, para Paris, mas antes precisavam andar as largas avenidas do centro, nadar os mares do país, rodar cidades. Foi que – maldita seja a noite – ele sumiu. “Te ligo”, não ligou nem atendeu. Silêncio, só. Dia seguinte, ela é que resolveu voltar para casa já à noite. Subiu com dois amigos, campainha. Ele abriu a porta e voltou pra cama. Um buraco no lençol, queimado, e a bituca de cigarro ali no meio. “Você podia ter posto fogo na casa”. Mais silêncio, “você é completamente louco”, saiu.

Empurrando foram, não é assim que se faz? Afundavam junto, parecia. Filme, pizza. Muito carinho, paixão alguma. Viviam em meio a livros de receitas, cifras de violão, discussões filosóficas esvaziadas e compras a dois nos supermercados, “olha aqui, esse amaciante é bem mais econômico”.

<sup>1</sup> A Revista Plural traz, nessa edição, uma sessão dedicada à literatura não-acadêmica. Este conto foi entregue à apreciação da revista atribuído ao pseudônimo de Luiza Albuquerque.

<sup>2</sup> Mestranda em Sociologia – FFLCH – USP. Bolsista CAPES.

No marasmo sem luz desses dias, descobriu-se traição e então foi ela quem começou a sair em silêncio, ela que sempre imitava, sem se dar conta, as faltas dele, ele agora em casa ardendo de ciúme. Rolava sozinho pela cama, ocupava a metade dela, fingia dormir quando ela chegava, já manhã. E nada se dizia.

Veio, inevitável, o fim. E foi violento, não se falaram mais. O novo apartamento dela, apertadinho todo, não tinha rede nem parede amarela. Não lavava mais a louça e acumulavam-se pratos, copos, xícaras, em pilhas pouco precisas. As roupas fora do armário, atiradas ao chão. Papéis na mesa do escritório, maquiagem na bancada do banheiro e a tampa da pasta de dente no ralo da pia, atrapalhando o fluxo da água. No rádio, o mesmo cd tocando há dias. Na alma, o mesmo vazio misterioso e indeciso de há meses. Já não usava pires, o café bebia em copo.

Amigos comentavam, ouvia sobre ele algumas vezes. Foi então que soube que ele iria a uma festa.

Como ele não notasse a moça ali, saía pelos joelhos e salto alto, sentada ao canto, como não visse nada, foi entrando, ela animou-se, levantou e dançou, e dançou, e ele conversava e gesticulava, e nenhum olhar discreto, nada, sorria era para os outros. Lá para o fim da noite, já não era tempo, a pobre mal se equilibrava nos saltos, entortava as pernas, esperava um telefonema ou qualquer coisa pra fugir dali; lá para o fim da noite decidiu, em silêncio, chegar pertinho:

- Tudo bem, Letícia?

Nada. Nenhum beijo, abraço, dor, tchauzinho com a mão, aceno. A palavra crua, só. A resposta falsa:

- Não sabia que você estaria aqui.

Disfarce pouco mentiroso, já que nem ela se esperava lá. E tudo foi ficando confuso, ele esbugalhava os olhos em busca de resposta, ela não sabia que dizer, ele sorriu, ela tonta via cabeças no chão, mãos nas paredes, rodava tudo, e assim foi que olhou para os lados e ensaiou correr. Com aqueles saltos – por que diabos pôs aqueles sapatos? – cairia no chão, é bem verdade.

- Tudo bem, e você?

E aí é que foi. Foi certamente mais que um escarro. Já tinha fumado quase um maço, juntou com prazer aquela gosma densa, aquela bola pesada de catarro amarelado. Veio do pulmão, ainda quente, passou por cada canto da boca. Sentiu sua consistência pesada e ajeitou tudo com a língua. Ali do lado, ali no chão da pista de dança, ali. Cuspiu ali, deixou para trás o prazer de livrar-se disso. E bem ali, no cantinho da boca, lhe escapou um sorriso sarcástico.

- Que é isso agora, Letícia? Deu pra cuspir por aí? Tá maluca? Credo. Escuta, preciso te falar: têm alguns livros meus que ficaram com você. Dá pra deixar na minha portaria? Letícia, eu tô falando com você. Saco. Você tá mesmo louca.

Ela olhava o catarro no chão e pensava que não havia livro algum, sabia que ele falava à toa, discursava palavras vagas. Não, ela não haveria de ter sido a única a vestir meias sujas por não conseguir andar até a área de serviço. Certa-

mente não eram livros, ele queria mais era abraçar-lhe o corpo, beijar-lhe a alma, pisar em folhas secas, sentir a brisa arrepiando o corpo junto ao dela.

- Tá, eu deixo os livros lá.

Demorou nove meses para que voltassem a se ver. Às vezes se entristecem, mas parecem ter entendido que é dessas histórias de amor impossível. Mas está bom assim, diz ela sempre, que sem ele crê ainda ir a Paris, comprar baguetes e carregá-las desembrulhadas, dentro pôr um pedaço de queijo e fatias de tomate. Por fim, terá sempre um novo amor, que não poderia jamais lhe faltar aos planos, já que quer para sempre andar de mãos dadas.

E quando cai a noite, não porque a noite cai, mas porque acaba o dia e ela já não tem mais a esperança de que todo sonho se realizará, o tempo vai ficando espremido, ela tem medo das horas que se seguirão até que chegue o dia seguinte, e a escuridão, e a melancolia, e o medo de nunca mais ser nunca mais, de não dormir, ou de dormir demais. Nessas noites, ela sai procurando o que não há. Mas escarrar já não consegue.

Quando – ocupando a metade vazia ao rolar pela cama – ela entra nesse tempo morto das noites sem sono, do frio nos pés, da solidão sem noites brancas, das mãos querendo ser entrelaçadas, quando assim tão só, ela se levanta e vai dar sentido às palavras. Nas pontas dos pés, diz em ouvido qualquer “gosto do jeito que as palavras saem daí”. Ela, que sempre esmiuçou novas leituras para os fonemas de sempre, descobriu a fala mansa de palavras bem tolhidas. Assim espalha carinho, colhendo encantos por aí.

E na outra noite, sempre, lá está a metade da cama, vazia de novo.